

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 127

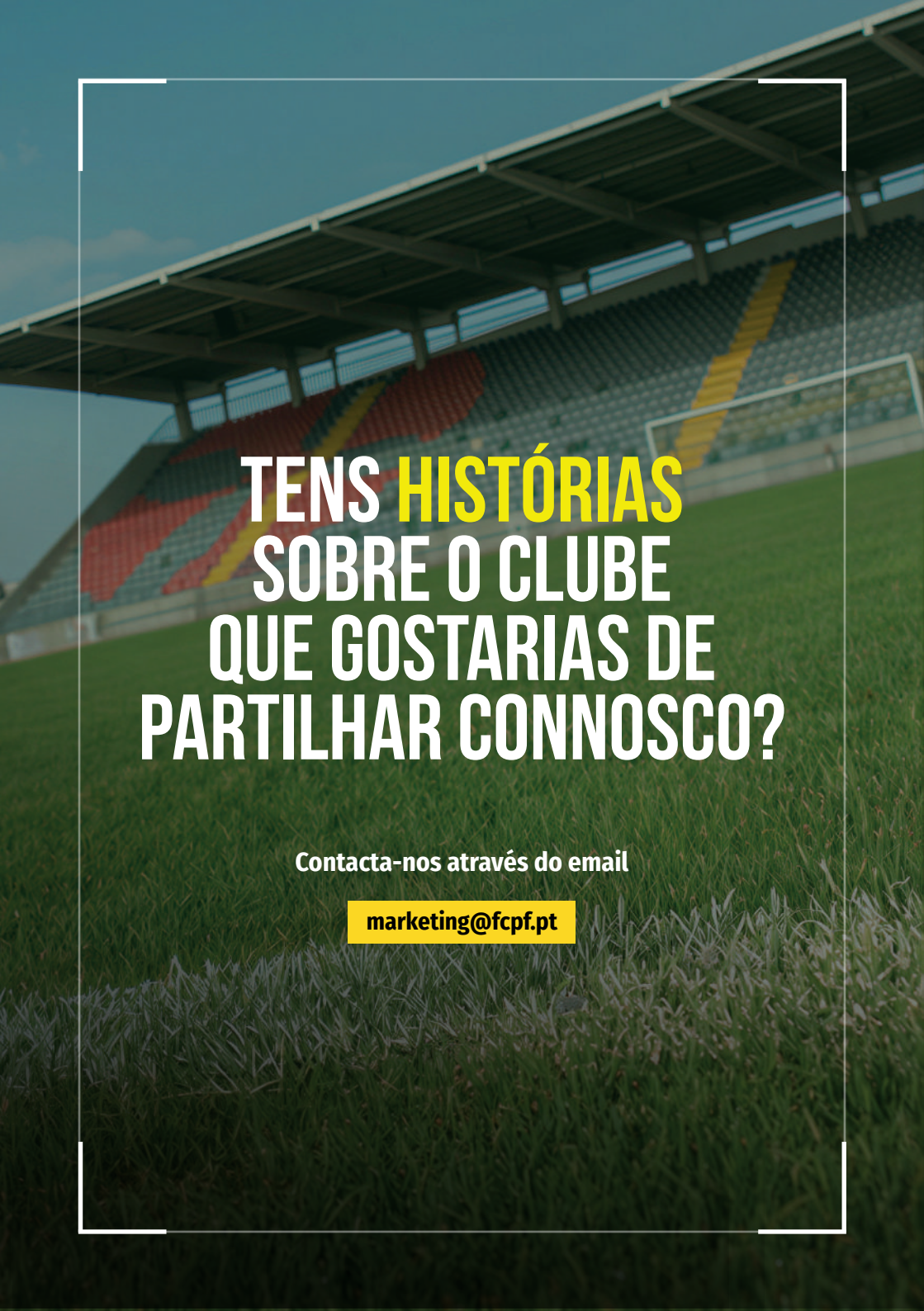


ENTREVISTA A

RAFAEL OLIVEIRA

MERCADO DE INVERNO

HUGO COELHO | SUB-15 A



TENS HISTÓRIAS SOBRE O CLUBE QUE GOSTARIAS DE PARTILHAR CONNOSCO?

Contacta-nos através do email

marketing@fcpf.pt



EDITORIAL

Por Paulo Gonçalves

Não tem sido fácil digerir os resultados mais recentes da equipa profissional, pois nos últimos três jogos, em nove pontos possíveis a equipa apenas somou um.

Sem desculpar a prestação em campo, é factual que o calendário nos colocou frente a equipas que habitam o topo da tabela: Sporting B, Torreense e Porto B. Foi uma fase complicada, onde mesmo com a valia dos adversários, ficou a sensação de que o Paços tem valor individual e coletivo para fazer muito mais. É preciso entrar em campo com maior convicção no sucesso e fazer por isso! Como? É imperativo resgatar a nossa identidade: a vitória trabalha-se do primeiro ao último minuto, com uma entrega inegociável, resiliência no sofrimento e o foco constante na baliza adversária!

Estes são fatores que sempre diferenciaram o Paços e que quando abdicamos deles ficamos à mercê do insucesso. A nossa realidade é lutar sempre para que as nossas cores sejam as melhores. É isso que fará a diferença no jogo desta tarde frente à UD Oliveirense.

Ainda há muito campeonato pela frente e temos um jogo a menos que os restantes adversários (em Leiria), mas a escalada na classificação tem de começar hoje, frente a um adversário direto. É a hora de a equipa voltar a “pagar” a dedicação dos adeptos que a acompanham com vitórias, reavivando a esperança de ver a melhor versão da equipa, já esta época aplaudida em outras rodadas.

A entrevista do mês é com o guarda-redes Rafa Oliveira, que tem sido uma peça muito positiva no onze do mister Nuno Braga. Com a humildade de quem sabe esperar e a competência de quem agarra o destino com ambas as luvas, o camisola 1 não hesita: “Vir para o Paços foi a melhor decisão que podia ter tomado”. A sua ascensão à titularidade e o recente prémio de Homem do Jogo são o reflexo de uma equipa que, sob a liderança de Nuno Braga, aprendeu a reagir e a crescer nos momentos de maior exigência. Nesta edição da «FCPF Magazine» fazemos o balanço de um mercado de janeiro que visou o reajuste e o reforço da nossa competitividade: David Costa e Rodrigo Duarte foram as últimas novidades e fazemos as contas finais de entradas e saídas.

Entre as novidades que marcaram o último mês no Clube, destaque para a eleição de João Pinto como jogador profissional do mês, de onde se ausentou Vlad uma semana para representar a seleção nacional de Sub-17. Uma palavra também para o nosso futsal. Já aqui falamos da prestação da equipa sénior, mas os louros desta edição vão para os juniores. Uma excelente prestação na prova distrital valeu o passaporte para a Taça Nacional do escalão. Um sinal claro de que a formação no futsal está a resultar.

Lançada esta edição da revista, é tempo de nos centrarmos na nossa equipa em campo e ajudá-la a rumar à vitória.

Força Paços!

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 127 - Fevereiro 2026

Textos e Design: Sara Alves e Wevolved | Fotos: Telmo Mendes e Luís Vilela

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

**“VIR PARA O PAÇOS FOI
A MELHOR DECISÃO QUE
PODIA TER TOMADO”**

RAFAEL OLIVEIRA

2 joma

De um momento para o outro, a oportunidade que esperamos acaba, finalmente, por surgir – e só depende de nós o que fazer com ela. Assim aconteceu com Rafael Oliveira. O guardião do FC Paços de Ferreira, que chegou à Mata Real nesta temporada, teve a sua estreia pelos «Castores» quase no fim da primeira volta do campeonato, mas, desde então, nunca mais deixou as redes pacenses. A viver a sua primeira experiência futebolística após o fim da ligação de 12 anos com o emblema que o formou, o Vitória SC, Rafa fala sobre a mudança e sobre a felicidade encontrada na Capital do Móvel, recordando o percurso que o trouxe até aqui.

Fazendo uma breve análise àquilo que tem sido a tua temporada até ao momento, qual é a melhor palavra para a definir?

Resiliência. Na verdade, essa é uma palavra que eu tenho comigo desde sempre. Faz parte do meu percurso e acho que também se adequa bem ao meu momento aqui.

Fizeste a tua estreia à 15.ª jornada, contra o CD Feirense, e desde então tens sido sempre titular. Ainda recentemente, frente ao SCU Torreense, foste eleito o Homem do Jogo também. Como é que estás a viver esta fase?

Está a ser muito bom. É sempre bom ser reconhecido, mas também é certo que quero mais. Preferia, por exemplo, que a equipa tivesse conseguido os três pontos frente ao Torreense do que vencer o prémio de Homem do Jogo, mas claro que é sempre bom. Resta-me continuar a trabalhar. Aquilo que nos trouxe até aqui é o que temos de continuar a fazer para chegarmos a outros patamares.

É comum ouvirmos que a posição de guarda-redes é um pouco ingrata. Habitualmente, há três guardiães numa equipa – e só um vai a jogo. Como é que se vai mantendo e trabalhando a confiança quando não se está a jogar?

É sempre mais complicado manter a confiança quando não se está a jogar, mas penso que isso também representa muito daquilo que é a jornada de um jogador. Temos de aproveitar o processo, porque cada treino é uma oportunidade de ser melhor e de evoluir – e só a evoluir e a trabalhar bem é que vamos conseguir entrar nas opções do mister. Depois é aproveitar as oportunidades quando elas nos chegarem. Não as deixar fugir. E a posição de guarda-redes é assim mesmo: temos de estar sempre preparados. Nunca sabemos quando é o nosso momento, mas quando ele chegar temos de o aproveitar.

A parte mental é praticamente tão importante quanto a parte física?

Na minha opinião, para um guarda-redes até é o mais importante. É óbvio que é muito fácil estar bem mentalmente quando as coisas correm bem, mas é preciso estar também quando isso não acontece. Não vou dizer que uma pessoa está feliz quando não joga – isso é impossível – mas temos de tentar manter o equilíbrio e estar motivados. Há que tentar arranjar motivação nas pequenas coisas e agarrar a oportunidade com tudo, quando ela surgir.

Convém, também por isso, que a relação entre os três guarda-redes seja próxima.

Sem dúvida. Ajuda muito. Mesmo quem não está a jogar dá sempre o máximo para que quem está a jogar continue a dar o máximo também. Todos são importantes. Aqui, a relação entre mim, o Jeimes e o Marafona sempre foi boa, muito tranquila. Cada um dá o seu melhor e só assim conseguimos evoluir. Este ano, já todos jogamos – o que, além de mostrar competitividade, eleva o nível de exigência. Eu sei que qualquer um que vá a jogo vai estar à altura, assim como eles também sabem, e isso faz com que as coisas aconteçam. Desde o início do ano que aprendo muito com os dois. Na verdade, em todos estes anos a jogar futebol percebi que cada pessoa tem um pouco dela para nos dar, e nós temos de aproveitar tudo para sermos melhores. Depois é continuar a trabalhar no máximo para termos o nosso momento.

O teu primeiro jogo acontece após a vinda do mister Nuno Braga. Foi frente ao CD Feirense, como já referimos. Estavas à espera que acontecesse nessa semana?

Estava preparado, como tenho de estar sempre. Como o Marafona estava lesionado, ou era para mim ou era para o Jeimes. Cada um de nós treinou no máximo durante a semana, e depois coube ao mister decidir. E eu estava preparado para qualquer decisão.



E foi uma estreia sem sofrer golos. Depois de alguns meses sem jogos oficiais, como é que te sentiste nesse jogo? Algum nervosismo?

O nervosismo antes do jogo é normal. Há sempre aqueles primeiros dez minutos... Mas o que eu meto sempre na cabeça é: “Por mais nervoso que possa estar naquele início de jogo, não o vou mostrar à equipa”. Sei que assim também terão mais confiança na pessoa que está atrás deles. E sendo aquela a minha estreia, é certo que assim ia dar-lhes mais confiança. É isso que eu tento sempre passar: tranquilidade.

Como disseste, a confiança trabalha-se e os bons resultados e exibições vêm desse trabalho. Ter, por fim, também a confiança do mister mudou alguma coisa? Na tua abordagem, por exemplo.

Não, é igual. É óbvio que quanto mais jogos tiver, uma pessoa vai tendo mais confiança, vai-se sentindo melhor psicologicamente, mas a maneira de trabalhar e de ver as coisas é sempre igual.

E é mais difícil chegar ao lugar que se quer ou manter-se nesse lugar?

Mantermo-nos nesse lugar. Porque o mais difícil é mesmo conseguir uma certa consistência. Ainda por cima, ser regular é extremamente importante na posição de guarda-redes.

“ A EQUIPA ESTÁ MELHOR, MAIS FORTE, E AGORA É CONTINUAR.”

RAFAEL OLIVEIRA

O jogo com o CD Feirense acabou por ser também uma espécie de ponto de viragem para a equipa. Houve muitas mudanças com a chegada do mister Nuno Braga, e os resultados também começaram a ser mais positivos – exceção feita num ou outro jogo, como com o FC Vizela ou o Sporting CP B. Como é que avalias esta fase da equipa?

Acho que é uma fase boa. Temos três vitórias em sete jogos [entrevista realizada antes do jogo com o FC Porto B]. Na minha opinião, poderia ser melhor, mas isto começa sempre assim: as coisas grandes vão-se formando com os pequenos passos; com as vitórias, com a equipa a jogar melhor. Acredito que temos tudo para fazer uma segunda volta mais tranquila. Temos vindo a jogar bem, a equipa está melhor, mais forte, e agora é continuar; não virar a cara à luta e ir em frente, pois ainda falta muito jogo.

O facto de a equipa conseguir dar boas respostas após as derrotas também dá outro ânimo...

Sim, é verdade. Sempre que tivemos um resultado pior, reagimos bem no jogo seguinte. Depois do Vizela, ganhamos ao Viseu; depois do Sporting, empatamos com o Torreense. Sendo sincero, o jogo com o Torreense podia ter dado para qualquer lado, e acho que podíamos ter feito mais e podia ter dado para ganhar. Mas no geral foi um bom jogo e é assim que temos de continuar. Esta capacidade de reação que temos tido sempre é difícil de conseguir, ainda por cima após derrotas por números um pouco altos. Mas nós conseguimos dar respostas e isso mostra aquilo que é a nossa equipa.

Vamos agora recuar ainda mais no tempo. Como é que foi a tua infância?

A minha infância foi tranquila, muito alegre e sempre em contacto com a natureza – algo que me ajudou muito. Passava muito tempo nos meus avós. E o futebol surgiu aqui pelo meio, quando eu tinha uns seis anos. Na altura comecei como central, mas não jogava muito, queria jogar mais, e a mudança surgiu quando o guarda-redes da equipa não pôde comparecer, não tínhamos outro, e como eu era o mais alto acabei por ir. Pedi para ir eu. E desde então nunca mais mudei.

Estavas ainda no Brito SC.

Sim. Fiz lá meio ano a guarda-redes. Depois o Vitória viu-me em alguns torneios, falou com os meus pais, fui lá fazer captações e fiquei. Estive lá 12 anos. No ano passado saí por empréstimo e este ano foi uma saída em definitivo. Mas, voltando atrás, no Brito estive pouco tempo, sim. Foi cerca de um ano e meio. Cheguei ao Vitória já com oito anos.

O que é que mais te cativava na posição de guarda-redes?

Eu sempre gostei, na verdade – por isso é que quis ir. E as coisas correram bem. És criança, vês as coisas a acontecer, vês as pessoas a ficarem felizes, os pais a festejarem uma defesa, e foi muito por aí. Gosto muito desta posição, e hoje faria tudo igual.

Dada a visão privilegiada do jogo, digamos assim, é certo considerar-vos uma extensão do treinador dentro de campo?

Sim. Não tanto na parte ofensiva – se bem que a parte ofensiva começa desde trás –, mas acho que o essencial é mesmo controlar a defesa, falar, ajudá-los. Vendo de trás podemos ajudar muito com pequenos feedbacks, e é isso que tento sempre fazer.

Esse tipo de características mais ligadas à comunicação foi algo que sempre tiveste?

Fui ganhando. Antes, quando era mais novo, não falava muito. Com o tempo é que fui tendo essa voz lá atrás, e acho que foi um upgrade muito grande, até mesmo para me ajudar a estar sempre ligado. Confesso que eu tinha um pouco de dificuldade em estar ligado em todos os momentos do jogo, em todos os minutos. Portanto, o facto de falar é muito mais do que isso, mantem-me ligado. Por vezes, o que eu digo pode nem acrescentar muito ao jogo, mas só o facto de haver comunicação vai-me manter concentrado. É daquele tipo de características que só se consegue adquirir com o jogo, independentemente do trabalho que possas fazer em treino.

E preferes um jogo em que quase não és chamado ou um jogo em que estás sempre em ação?

Eu prefiro não ser chamado – e, quando for, estar lá para responder. No seguimento do que estávamos a falar, nesse tipo de jogos há a questão da concentração, de ter de trabalhar mais para a manter. No fundo, seja como for, um guarda-redes não tem tempos mortos. Isso não existe. A qualquer momento, podemos levar com uma bola nas

costas da defesa e temos de estar prontos. Temos de pensar “Saímos ou não saímos? Baixamos ou vamos à bola?” E esses milésimos de segundo contam muito.

Como muitas vezes se ouve, um erro de um jogador de campo pode não ser muito lembrado, mas o de um guarda-redes...

Um erro de um guarda-redes à partida dá golo. Quase sempre, vá. Mas isso faz parte. Toda a gente falha e nós vamos falhar. O objetivo é, isso sim, errar o menos possível.

Portanto, depois do Brito SC seguiu-se, então, o Vitória SC. É lá que fazes todas as etapas da formação. Sendo tu também natural de Guimarães, o que é que isto representou?

Foi muito bom mesmo. Foram tempos bons. O sonho de qualquer menino que começa a jogar no Vitória é um dia chegar à equipa principal. E eu consegui isso; consegui passar por todos os escalões de formação até ao profissional.

A estreia pela equipa principal foi em 2022/2023, contra o CD Santa Clara. E houve até uma assistência. Como é que te sentiste nesse jogo?

Senti-me muito bem. Mas nesse primeiro jogo estava um bocado nervoso. Aqueles primeiros 15 minutos... Estás a ver quando disse que no jogo com o Feirense tentei não mostrar isso? Pois nesse jogo, nesses 15 minutos, sei que passei isso para fora – até mesmo pelas minhas primeiras ações. Acabei por não sofrer golo nesse período, não aconteceu nada e no final da primeira parte vencíamos por 3-0, mas eu era muito novo e acho que passei esse nervosismo. Creio que é algo normal e vamos aprendendo com as situações, e fui tentando melhorar ao longo do tempo para

efetivamente passar essa tranquilidade. Mas no dia da estreia, depois daquela fase inicial, fiquei mais tranquilo e o jogo correu-me super bem. No final, quando chegas a casa e vês toda a tua família e amigos felizes é muito bom. Foi mesmo um sonho para mim – ainda por cima com uma assistência. Não foi a melhor assistência do mundo, mas está lá e é isso que conta. [Risos] Foi dos melhores momentos da minha vida, sem dúvida.

Mas percebeste que os teus colegas da defesa te sentiram nervoso?

Sim, um bocadinho. Mas eles também me ajudaram muito nesse jogo; passaram muita tranquilidade. Os primeiros minutos foram um pouco complicados, mesmo para eu entrar no jogo, mas por fim consegui e correu-me muito bem.

Estavas à espera da chamada à titularidade nessa semana?

Foi um bocado em cima da hora, digamos. O jogo era no domingo, e eu soube na quinta. Quem estava para ir a jogo era eu e o Varela, mas ele lesionou-se nessa semana e fui eu.

Em alguma altura sentiste que te faltaram mais oportunidades ou compreendeste o momento?

Compreendi o momento. É óbvio que eu queria jogar mais, toda a gente quer jogar mais, mas compreendi o momento e a vida seguiu.

A falta de minutos na equipa principal foi o que motivou o empréstimo ao SC Covilhã?

Sim. O empréstimo foi em 2024/2025, porque, sim, sentia que a Equipa B já não fazia sentido. Sentia eu e as pessoas que lidavam comigo. Fazia sentido uma outra experiência e eu queria jogar. É a jogar que vêm coisas novas e conseguimos mais experiência.

Como é que foi essa passagem pela Covilhã? Foi ao encontro do que esperavas?

Foi boa. O Covilhã é clube muito bom, um grande clube. Agora atravessa um momento mais difícil – mas faz parte. Passamos um bocado mal no campeonato, fomos até à última para garantirmos a manutenção, mas esses momentos, essa fase difícil, também me ajudaram muito a crescer. Os jogos que fiz foram muito bons para mim.



Foi a tua primeira vez fora de casa. Tornou-se também desafiante a nível pessoal?

Sim, foi um ano em que eu cresci mesmo muito. Vivía sozinho, portanto tinha de fazer tudo – as refeições, tratar da roupa, tratar da casa... Ao início foi mais difícil, mas depois entras no ritmo e foi muito bom, tranquilo. Gostei muito. Também fui com malta que já conhecia de Guimarães e que tinha jogado comigo no Vitória. Eram mais velhos, mas já os conhecia. Foram os meus companheiros de viagem e de tudo. Apesar de não morarmos juntos, estávamos juntos muitas vezes, depois do treino. Isso ajudou muito na minha adaptação. Era um bom grupo.

E que tarefas é que dispensavas?

Lavar a loiça. [Risos] Para mim é complicado. Cozinhar era tranquilo, até é o que mais gosto de fazer. Agora tratar da loiça... Mas na altura vivia num apartamento que tinha uma senhora a quem pagávamos e ela ia limpar a casa. Então nos dias em que eu não conseguia mesmo tratar das coisas, chamava a senhora e ela arrumava o quarto, tratava da loiça... Ajudava-me muito.

Ora terminado o empréstimo, encerras depois o capítulo com o Vitória SC para abraçar a oportunidade dada pelo FC Paços de Ferreira. Porquê o Paços nesta altura?

Sim, quando voltei ao Vitória ainda fiz um pouco da pré-época com a equipa B, antes de vir para cá. Vou ser sincero: para mim, o Paços é um clube muito grande. É um clube de Primeira Liga. E embora esteja numa situação um pouco desfavorável, continua a ser sempre um grande. É um clube bom! E eu gostei muito logo desde o dia em que vim conhecer as instalações. Foi a melhor decisão que eu podia ter tomado.

No começo, o fim dessa ligação com o Vitória foi estranho?

Sim. Mesmo antes de vir para aqui, naquela fase em que eu já sabia que, eventualmente, ia acabar por acontecer, foi uma fase complicada para mim a nível mental. Também quando cheguei aqui demorei um bocadinho na adaptação. Foram duas semanas um pouco mais difíceis, mas acho que me adaptei rápido. Tinha aqui malta que já conhecia e correu tudo bem. O grupo ajudou-me muito.

Tens encontrado aqui o que te estava a faltar?

Sim, a nível de campo, de jogo, de treino, mas principalmente fora do campo. A forma como nós, jogadores, somos tratados aqui é muito boa. Fazem-nos sentir em casa, sempre. E isso também me ajudou muito. As pessoas que estão diariamente connosco integram-nos muito bem, e eu só tenho a agradecer. É um clube que me acolheu muito bem desde o início, e gosto mesmo de estar aqui.

O que é que esperas desta tua passagem pelo Paços?

Espero continuar a poder dar o meu melhor. Espero continuar aqui, pois gosto muito de estar aqui, e que as coisas corram sempre bem. Que eu consiga trabalhar sempre no meu máximo para dar o melhor de mim.

**“ESPERO CONTINUAR
A PODER DAR O MEU
MELHOR.”** RAFAEL OLIVEIRA

UM APOIO SEGURO E UM COMPROMISSO DURADOURO

O crescimento da AlarSAT espelha os mesmos valores que moldaram o percurso do FC Paços de Ferreira – esforço, sustentabilidade e uma grande dedicação. A empresa de José Carlos Dias, sediada em Paços de Ferreira, tem sido ao longo dos últimos anos um fiel apoio para o futebol profissional e uma força determinante para o futsal, mostrando desde o primeiro dia a vontade de – mais do que apoiar – fazer parte da realidade do clube.

«E se um final de ciclo for, afinal, o início de outro?» Provavelmente, foi mesmo este o pensamento de José Carlos Dias, quando, há mais de três décadas, tomou a decisão de fundar a AlarSAT – empresa que, ao longo dos últimos anos, apoia o FC Paços de Ferreira. “Tudo aconteceu numa situação quase de urgência, porque eu trabalhava numa das maiores empresas de segurança humana com a componente eletrónica a nível nacional, e essa empresa faliu”, conta.



Na época, José Carlos Dias estava ligado às vertentes da vigilância e da segurança eletrónica. Não tendo capacidade para criar uma empresa de vigilância devido aos custos elevados que isso acarretava, focou-se na segunda. “Avancei sozinho. Trouxe um rapaz que era aprendiz nessa mesma empresa e também ficou desempregado, e comecei assim. Depois o negócio foi crescendo. Ao fim de dois ou três meses, também graças aos contactos que tinha da empresa anterior, os pedidos aumentaram ao ponto de já não ter capacidade de resposta, e tive logo de rever questões técnicas e comerciais”.

Numa primeira fase, e mais a nível regional, o foco eram os alarmes de intrusão, mas com a perceção daquelas que se começavam a tornar as novas exigências do mercado, José Carlos Dias começou a aprofundar e a dedicar-se mais à matéria ligada à videovigilância. O volume de vendas foi notório. Posteriormente, devido às exigências da lei relacionada com a deteção de incêndios, optou por tirar várias formações sobre o tema – tendo, agora, também uma elevada taxa de produção nessa área. E não ficou por aqui: “Entretanto, tivemos a necessidade de criar um gabinete de engenharia, pois surgiu a necessidade – passando a redundância – de fazermos medidas de autoproteção e projeto. E o crescimento faz-se assim, gradualmente”. Ora da dificuldade nasceu uma oportunidade de ouro e, 34 anos depois, a AlarSAT conta com 22 funcionários e dois estagiários, estando presente por todo o país.

A forte ligação à cidade faz com que, na visão de José Carlos Dias, deva haver também uma forte ligação – e apoio – às suas principais instituições. É sob esta premissa que se dá o início da relação entre a AlarSAT e o FC Paços de Ferreira. “São já muitos anos, não consigo precisar. Ao início, era um apoio mais reduzido, conforme podíamos, e depois fomos aumentando dentro das nossas possibilidades”, afirma. Há, no entanto, um momento-chave: “A partir da altura em que o Paços agarrou o projeto do futsal, que vinha com o meu cunho, também me senti no dever de ser um patrocinador ainda mais forte e ativo. Desde então, a AlarSAT está junto do futebol profissional, está junto do futsal, e sempre que é necessário, estamos disponíveis para dar o nosso apoio”.

NÃO É SÓ PATROCINAR — É PERTENCER



Mais do que o possível retorno financeiro que possa adquirir quando é estabelecida uma relação de patrocínio, José Carlos Dias procura “fazer parte”. “Aquilo que pretendemos com um patrocínio é estarmos presentes, é sermos lembrados, é a parte social. O importante é apoiar. E eu acho que as empresas devem apoiar os clubes com este sentido de marcar presença; de fazer com que as pessoas da nossa terra percebam que estamos ao lado das coletividades que nos representam fora do concelho. E, dessa forma, o nosso nome também vai sendo apresentado.

Acredito que muitas chamadas que recebemos podem ser uma consequência desta nossa presença no FC Paços de Ferreira. Podem vir de um painel que esteja afixado no estádio; podem vir da publicidade na camisola de um jogador de futsal... Não sabemos de onde vêm, mas acredito que muitas das vendas surgem assim”.

Ao longo destes anos, José Carlos Dias destaca, essencialmente, a relação muito especial que tem com o clube e com quem nele trabalha. Apesar de atualmente desempenhar também funções na Direção, com foco na Secção de Futsal, a ligação criada com os funcionários vem desde há muito tempo, e é, no seu entender, um exemplo que pode ser transversal a todas as empresas que pretendam colaborar com o FC Paços de Ferreira. “O meu clube é o Paços e toda a gente sabe que não tenho outras cores. Aqui fui sempre muito bem tratado, da mesma forma que sempre tratei

bem quem está do nosso lado. E se os empresários da nossa terra tentarem ter esta relação, certamente vão conseguir tê-la. Serão muito bem recebidos. As relações criam-se e devem ser mantidas – basta estarmos disponíveis”.

E o futuro? “É evidente que o nosso sonho enquanto Pacenses de gema é ver o Paços na I Divisão a nível de futebol, é ver o futsal na II Divisão, é ter a formação nos campeonatos nacionais. O que nós queremos, acima de tudo, é ver sempre o clube no topo dos seus campeonatos”.

**“O MEU CLUBE É O PAÇOS E
TODA A GENTE SABE QUE NÃO
TENHO OUTRAS CORES”**

JOSÉ CARLOS DIAS - ALARSAT



MERCADO DE INVERNO

NOVIDADES ATÉ AO ÚLTIMO DIA

Em Portugal, o mercado de inverno fechou portas no dia 2 de fevereiro, e no FC Paços de Ferreira as movimentações fizeram-se sentir até ao último dia. Depois de Miguel Falé e Iuri Moreira, dois novos «Castores» foram recebidos na Mata Real. Mas também houve lugar para despedidas.

DA FORMAÇÃO...

O médio Rafael Dias e o avançado Juyoung Park, da equipa Sub-19 pacense, foram inscritos na Liga Portugal, podendo integrar futuras convocatórias da equipa profissional do FC Paços de Ferreira.

» DAVID COSTA

22 anos | Médio



O FC Paços de Ferreira e o SCU Torreense chegaram a acordo para o empréstimo de David Costa até ao final da temporada, tendo o emblema pacense opção de compra.

O médio de nacionalidade portuguesa e cabo-verdiana fez a sua formação no Real SC, SL Benfica, CD Tondela e SCU Torreense. Em Torres Vedras, depois de concluir a época como Sub-19, jogou pela equipa Sub-23 e pela equipa profissional do SCUT no ano seguinte, em 2023/2024. A estreia na Segunda Liga aconteceu a 1 de abril de 2024, no derby do Oeste diante do CD Mafra, tendo David Costa também marcado o seu primeiro golo pela equipa principal.

Na época transata, David Costa fez 30 jogos com a equipa principal e marcou dois golos, e jogou ainda outras cinco partidas pelos Sub-23. Já na atual temporada, antes da mudança para a Capital do Móvel, continuou a alinhar pelos dois escalões do SCU Torreense.

Em junho de 2025, o jovem médio representou a seleção de futebol de Cabo Verde. David Costa cumpriu a sua estreia ao serviço do FC Paços de Ferreira na jornada 21 da Liga Portugal Meu Super, na receção ao Sporting CP B.

» RODRIGO DUARTE 20 anos | Extremo



No último dia do mercado de inverno, o FC Paços de Ferreira confirmava o quarto reforço. Rodrigo Duarte chegou à Mata Real por empréstimo do Vitória SC até ao final da época.

Foi, aliás, no clube vimeirense que Rodrigo Duarte cumpriu toda a sua formação, tendo feito a sua estreia pela equipa B ainda em 2023/2024. Na época transata, então com o Vitória SC B no Campeonato de Portugal, Rodrigo fez 30 jogos e apontou seis golos. Já esta temporada, antes de assinar pelos «Castores», representou os «bê» vitorianos na Liga 3, pelos quais fez dois golos e duas assistências, e integrou por várias vezes os trabalhos da equipa principal. Pela Seleção Nacional soma também várias presenças nos escalões de base.

O primeiro jogo de Rodrigo Duarte pelo FC Paços de Ferreira foi frente ao Sporting CP, na 21ª jornada da Liga Portugal Meu Super.

◀ MATHEUS M.



Foi também no último dia do mercado de transferências que o FC Paços de Ferreira comunicou o empréstimo – sem opção de compra – de Matheus Martins ao Osasco Sporting, do Brasil. Esta ligação é válida até ao final da temporada 2025/2026.

Matheus Martins, extremo de 27 anos, assinou pelo FC Paços de Ferreira no mercado de verão de 2025. Depois da estreia na Jornada 3 da Liga Portugal Meu Super, diante da UD Leiria, foi opção em mais oito jogos.

Por sua vez, Fernandinho regressou ao Nova Iguaçu FC, confirmando-se, desta forma, o término antecipado do seu empréstimo. O médio brasileiro também reforçou o emblema pacense no verão de 2025, em agosto, e fez a sua estreia oficial frente ao Sporting CP B, na quarta jornada do campeonato. No total, foi opção em 13 jogos e apontou um golo no encontro da primeira volta com o SL Benfica B.

◀◀ FERNANDINHO



SABE MAIS SOBRE...

HUGO COELHO | SUB-15

Idade

15 anos

Naturalidade

Amarante

Posição

Médio

Outros Clubes

Amarante FC



A rubrica que dá a conhecer os jovens talentos da formação do FC Paços de Ferreira está de volta à FCPF Magazine. Nesta edição, Hugo Coelho, atleta da equipa Sub-15 A, conta-nos a sua história até à chegada à Mata Real e como tem sido vivida a excelente época dos «Castores» no Campeonato Nacional da I Divisão de Juniores.

Natural de Amarante, foi no clube da sua terra – o Amarante FC – que Hugo Coelho deu os primeiros passos no futebol. Tinha cinco anos, e o incentivo dos pais e dos amigos da pré-escolar foram os grandes impulsionadores para a decisão: “Os meus pais gostavam que eu fizesse algum desporto, e como o meu pai via e gostava muito de futebol, eu escolhi isso mesmo”. Começou como avançado, até que o seu treinador nos Sub-7 [que o acompanhou até à sua saída do clube] optou por colocá-lo a médio – posição que ocupa atualmente.

A mudança de Hugo para a Mata Real surgiu em 2023. Um jogo dos Sub-12 do Amarante FC com a AD Lousada chamou, definitivamente, a atenção de responsáveis pela formação pacense, que entraram em contacto com o pai do atleta. “Quando o meu pai me deu a notícia eu fiquei muito feliz. Mas também confesso que naquela altura foi difícil sair do Amarante, pois era o clube onde eu jogava desde pequenino e tinha muitos amigos lá”, relembra. Apesar de tudo, a adaptação à nova aventura correu da melhor forma, e depois de um primeiro ano entre os Sub-13 e os Sub-14, o jovem «Castor» estreou-se pelos Sub-15 A na II Divisão Nacional, em 2024/2025. “Estava num escalão acima do meu, a jogar contra jogadores mais velhos e, pela primeira vez, num campeonato nacional – tudo isso deixava-me um pouco nervoso.

Mas esse nervosismo foi passando com o tempo, e o facto de estar um escalão acima deu-me motivação para trabalhar ainda mais e fiquei muito feliz, pois é uma forma de evoluir”.

«Evolução» é mesmo a palavra certa para estes três anos de Paços, que “têm sido muito bons”. E depois da subida de divisão na época transata, Hugo Coelho vive agora “um ano especial” por estar na I Divisão Nacional de Juniores C e a disputar o Apuramento de Campeão: “A equipa tem feito um grande trabalho, tem cumprido os objetivos e feito o que mister pede. O início de época foi complicado, perdemos em casa, mas sempre acreditamos em nós e no nosso trabalho, e este é o resultado. Além disso, o facto de termos uma relação muito boa e de nos darmos bem uns com os outros também ajuda a unir a equipa dentro de campo”.

Hugo Coelho tem, naturalmente, o sonho de chegar ao plantel profissional do FC Paços de Ferreira e aí seguir os passos da sua referência no clube – João Caiado. “É da minha posição e sinto que dá sempre tudo de si em campo”, explica. Até lá, ver como vários colegas mais velhos são chamados aos treinos da equipa principal, vivem “a experiência de uma equipa profissional” e sentem “como é estar no mais alto patamar do futebol” alimenta a ambição de um dia também ele o conseguir. Mas os sonhos não ficam por aqui: “O meu objetivo mais próximo é ir à Seleção Nacional Sub-15, mas no futuro quero poder jogar na primeira divisão do futebol português e ser um jogador profissional. Para isso, tenho de continuar a trabalhar sempre focado no presente. Semana a semana”. À Paços!

BREVES FCPF

JOÃO PINTO FOI ELEITO O JOGADOR DO MÊS DE JANEIRO

O prêmio Jogador do Mês Solverde.pt do mês de janeiro foi atribuído a João Pinto pelos seus colegas do FC Paços de Ferreira. A distinção foi recebida numa altura em que o jovem atleta de 23 anos assinalava também um ano desde a sua chegada à Capital do Móvel – uma combinação feliz e que, segundo o próprio, lhe traz mais motivação para o futuro. “Penso sempre em dar o meu melhor e fico agradecido com o que vier depois. Mas é certo que com este prêmio sinto-me ainda mais motivado a continuar”, afirmou.

Dos três jogos realizados no primeiro mês do ano, o emblema pacense venceu dois, diante de FC Penafiel e Académico de Viseu FC – perdendo, pelo meio, em casa do FC Vizela. Para João Pinto, que foi titular em todos, este “foi um mês positivo”, no qual se destaca o golo que carimbou a reviravolta frente aos penafidelenses. Golo esse que o camisola 13 dos «Castores» acredita ter também “ajudado muito na decisão” dos colegas.

“Este grupo está muito unido. Já provamos que conseguimos bater de frente e ganhar a equipas que estão no topo da tabela, e não será diferente daqui em diante”, disse ainda o avançado pacense.



JOGO DA SELEÇÃO FEMININA MUDA DE LOCAL

A partida entre Portugal e Finlândia a contar para a qualificação para o Campeonato do Mundo Feminino 2027, inicialmente prevista para o Estádio Capital do Móvel, foi remarcada para o Estádio do Futebol Clube de Vizela, no mesmo dia 3 de março.

Esta alteração está relacionada com a sobrecarga do estado do relvado da Mata Real, consequência do mau tempo que marcou o mês de fevereiro. Segundo o site da Federação Portuguesa de Futebol, as pessoas que já tinham ingresso para o jogo em Paços de Ferreira serão devidamente contactadas.

Entre os dias 8 e 18 de fevereiro, Vlad esteve ao serviço da Seleção Nacional Sub-17. A Equipa das Quinas apresentou-se no Torneio Internacional do Algarve juntamente com as seleções da Espanha, Finlândia e Alemanha – e o jovem atleta do FC Paços de Ferreira foi opção em todos os jogos.

Vlad entrou aos 57 minutos do encontro com a Espanha, que terminou empatado a uma bola; foi titular na vitória por 5-0 diante da Finlândia; e foi a jogo aos 65' contra a Alemanha, tendo, assim, participado na vitória portuguesa por 1-0.

De acordo com a Federação Portuguesa de Futebol, “este estágio competitivo serviu para preparar a armada lusa para o derradeiro momento de apuramento do Campeonato da Europa, que se disputará em março, em Itália”. Do grupo de Portugal fazem parte Itália, Islândia e Roménia.

VLAD COM A SELEÇÃO NO TORNEIO INTERNACIONAL DO ALGARVE



FUTSAL: EQUIPA B E JUNIORES EM DESTAQUE



À data do fecho desta edição, a Equipa B de futsal do FC Paços de Ferreira tem ainda pela frente uma jornada da Série 2 da I Divisão da AF Porto, mas tem também já confirmada uma vaga para a fase de Apuramento de Campeão.

Os Juniores estão, igualmente, numa boa forma. A duas jornadas do fim da Divisão de Elite de Juniores A da AF Porto, já garantiram o segundo lugar da classificação e a presença na Taça Nacional do escalão. Esta prova, organizada pela Federação Portuguesa de Futebol, é dividida em três fases e determina quais são as três equipas que se apuram para o Campeonato Nacional Sub-19 da II Divisão de Futsal.



COMUNICADO

DOS CLUBES DA LIGA PORTUGAL 2 SOBRE O MECANISMO DE SOLIDARIEDADE DA UEFA 2025/2026

Os clubes signatários, que integram a Liga Portugal 2 Meu Super, vêm por este meio expressar a sua profunda indignação e preocupação face ao que se assistiu na última Assembleia Geral da Liga Portugal, que resultou – no entendimento da Mesa da Assembleia Geral – no chumbo da revalidação da partilha do mecanismo de solidariedade da UEFA aos clubes da referida competição. A nossa posição baseia-se nos seguintes pontos:

1. A Quebra de uma Expectativa Legítima

A distribuição destas verbas pelos clubes do segundo escalão acontece há mais de uma década. Na época anterior, o entendimento inequívoco dos clubes da Segunda Liga (e também da grande maioria da Primeira Liga) era que a decisão aprovada seria válida por três temporadas. Com base nesta confiança e na estabilidade que se exige na gestão desportiva, estes valores foram devidamente inscritos nos orçamentos dos clubes. O chumbo atual, ocorrido a meio da época, retira abruptamente uma verba orçamentada, criando um desequilíbrio financeiro grave e inesperado nas contas das nossas instituições.

2. Incoerência de Voto e Memória Curta

É com total incompreensão que assistimos à inversão de voto por parte de clubes que, na época transata, votaram favoravelmente à partilha deste mecanismo. Mais se recorda que todos os clubes que hoje votaram contra esta medida já militaram, no passado recente, na Segunda Liga. Beneficiaram, por isso, da solidariedade que hoje negam aos atuais intervenientes, revelando uma preocupação meramente conjuntural e desprovida de visão sistémica.

3. Um Golpe na União e na Formação

Num momento em que o futebol português se prepara para discutir temas estruturais — como a centralização dos direitos televisivos e a revisão dos quadros competitivos — esta votação serve apenas para dividir uma Liga que deveria trabalhar pela união. Além disso, esta decisão ataca diretamente o coração do nosso futebol, a Formação. A não afetação destas verbas coloca em risco direto as academias e escalões de formação que, em muitos casos, são geridos pelos Clubes e não pelas SADs, dependendo criticamente destes fundos.

4. Um momento particularmente desafiante

Numa altura em que uma parte do país foi assolado por uma calamidade sem precedentes, com consequências severas na população e em muitas colectividades, incluindo também clubes da Liga Portugal 2, como é o caso da União de Leiria que ficou sem infraestruturas, é ainda mais grave esta decisão que afeta diretamente a pirâmide do futebol nacional, sobretudo a sua base, em nada prestigiando a indústria que deveria ser um exemplo e aqui, pelo contrário, está em contra-vapor ao movimento solidário em que o país se encontra, a favor da Região Centro.

5. Reconhecimento e Apelo

Lamentamos que, apesar da maioria dos clubes profissionais em Portugal estar de acordo com a partilha das verbas, seis instituições tenham votado em sentido contrário. Apesar de não ter sido aprovado, não podemos deixar de reconhecer a postura exemplar e solidária dos 12 clubes da Primeira Liga, que de uma forma altruísta votaram a favor. De forma especial, os clubes da Liga Portugal 2 expressam ainda o seu público e profundo agradecimento ao Vitória SC e ao CF Estrela da Amadora. Estes clubes, num gesto de nobreza e responsabilidade para com o ecossistema do futebol, já se disponibilizaram a ceder a sua parte das verbas em prol dos clubes do escalão secundário.

Apelamos, por fim, a que os restantes clubes que votaram favoravelmente possam seguir este exemplo de solidariedade, minimizando os danos causados por uma decisão que consideramos injusta e prejudicial ao futuro do futebol nacional.

Pela sustentabilidade e dignidade do futebol português.

Os Clubes da Liga Portugal 2

7 de fevereiro de 2026

ÚLTIMOS JOGOS

Jornada 19

Marcadores: João Victor
e Diego Fernandes



2-1

FC PAÇOS DE FERREIRA X ACADEMICO DE VISEU FC

Jornada 21



0-3

FC PAÇOS DE FERREIRA X SPORTING CP B

MÉDIA DE ESPECTADORES

1780

6º Lugar

MELHOR MARCADOR

JOÃO VICTOR

4 Golos

CLASSIFICAÇÃO

18º LUGAR

23 Pontos



Jornada 22



0-0

FC PAÇOS DE FERREIRA X SCU TORREENSE

Jornada 23



1-0

FC PORTO B X FC PAÇOS DE FERREIRA

PRÓXIMOS JOGOS



X



PORTIMONENSE SC

Horário a Definir



X



SL BENFICA B

Horário por Definir



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
A sua marca gráfica

